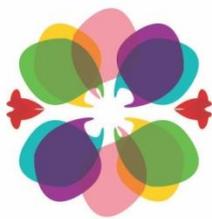


Androginia e pulverização dos binarismos: homoerotismo e resistência na escrita (auto)biográfica de Aguinaldo Silva



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 1 mai.-ago.2020

p. 192-203.

Leandro Souza Borges Silva¹

RESUMO: Este estudo pretende analisar a obra literária *Primeira carta aos Andróginos* (1975), com o interesse de revelar corpos não permitidos pelo regime civil militar durante as décadas de 1960-80. Nota-se, portanto, que a androginia é um elemento que pulveriza os binarismos e rasura o padrão de masculinidade vigente. O teor homoerótico, enquanto instância de resistência, será correlacionado à escrita (auto)biográfica de Aguinaldo Silva, o autor. Sendo assim, há como aportes as premissas de Barcellos (2006), Souza Júnior (2007) e Foucault (2010), privilegiando as noções de homocultura e homoerotismo. Nesse viés, esta análise engloba outros olhares e notações, enfatizando a expressão dos sujeitos que foram suprimidos e tangenciados pelo cânone, protagonizando o discurso sobre a afetividade e subjetividade homoeróticas. Como resultado, nota-se que a transfiguração de discursos sagrados para figurações profanas se constitui como fator de resistência e subversão.

PALAVRAS-CHAVE: Aguinaldo Silva. Homoerotismo. Profano. Resistência.

Abstract: This study analyzes the book *Primeira carta aos andróginos* (1975) in order to reveal bodies not allowed by the military civilian regime during the 1960s and 1980s. Androgyny is an element that pulverizes binarism and erases the current masculinity pattern. Homoerotic content as a means of resistance was correlated to the (auto)biographical writing of Aguinaldo Silva, the author. The theoretical framework used was based on Barcellos (2006), Souza Júnior (2007) and Foucault (2010), especially the assumptions of homoculture and homoeroticism. This conceptual analysis thus focuses on other perspectives and notations, privileging the expression of subjects that were suppressed by the canon, leading the discourse on a homoerotic affectivity and subjectivity. As a result, the transfiguration of sacred discourses into profane representation constitutes a factor of resistance and subversion.

Keywords: Aguinaldo Silva. Homoeroticism. Profane. Resistance.

Resumen: Este trabajo objetiva analizar la obra literaria *Primeira carta aos andróginos* (1975), con el interés de revelar los cuerpos no permitidos por el régimen cívico-militar durante las décadas de 1960 y 1980. Se observa que la androginia constituye un elemento que pulveriza los binarismos y borra el patrón de masculinidad actual. El contenido homoerótico, como instancia de resistencia, se correlacionará con la escritura (auto)biográfica de Aguinaldo Silva, el autor. Se utilizan las contribuciones de Barcellos (2006), Souza Júnior (2007) y Foucault (2010) que privilegian las nociones de homocultura y homoerotismo. De esta forma, al constituir un análisis conceptual, este análisis distorsiona otros puntos de vista y anotaciones, privilegiando la expresión de los sujetos que fueron reprimidos y referidos por el canon, liderando el discurso sobre la afectividad y subjetividad homoeróticas. Como resultado, se observa que la transfiguración de los discursos sagrados para figuras profanas es un factor de resistencia y subversión.

Palabras clave: Aguinaldo Silva. Homoerotismo. Profano. Resistencia.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduado em Letras pela mesma instituição. E-mail: leandroborges@hotmail.com



O cânone literário brasileiro tem sido referência para diversas abordagens sociais, culturais, políticas e educacionais, dentre as quais, múltiplos estudos acadêmicos se debruçam em destrinchar as nuances mais significativas, estruturais, estilísticas e discursivas de cada obra. Entretanto, por mais abrangentes que possam ser as obras oriundas da literatura tradicional, muitas ainda não problematizam, em quantidade e qualidade, as perspectivas e discussões pertinentes ao debate que enviesse discussões desviantes, contra-canônicas e subversivas. Coube à literatura contemporânea, dentre outros movimentos estético-políticos, enunciar com mais tenacidade vozes que, se não eram totalmente suprimidas pelo poderio conservador do cânone, expressavam-se timidamente em nuances que se pretendiam ambíguas e caíam nas armadilhas do senso comum. A literatura de temática LGBTQI+, por exemplo, adquire na literatura contemporânea lugar de destaque.

Nesse âmbito, a subjetividade sexualmente dissidente é enunciada em problematizações que ousam tomadas de posição até então negadas por discursos excludentes, ressaltando as performatividades do cotidiano de sujeitos que enfrentam desafios e dilemas, construindo sua identidade, perfazendo e significando seu lugar no mundo. Dessas expressões, *Primeira carta aos Andróginos* (1975), de Aguinaldo Silva, mostra-se como um romance não-padrão que para além de situar-se numa literatura de temática homoerótica, problematiza e põe em cheque os processos conflituosos que envolvem a formação de uma personalidade subjetivada em ocorrências cotidianas, familiares, culturais e políticas. Nessa narrativa, nota-se que a noção de androginia se coaduna com o desenvolvimento de um personagem que ultrapassa os conceitos de masculino e feminino, pulverizando identidades masculinas vigentes. Ao compreender, portanto, a importância desse corpus na abordagem da temática LGBTQI+ em relação à literatura, esta discussão se objetiva focar *Primeira carta aos Andróginos* com o interesse de revelar corpos não permitidos pelo regime civil militar durante as décadas de 1960-80. A premissa de androginia, nesse contexto, constitui-se como elemento que pulveriza os binarismos e rasura o padrão de masculinidade predominante, desafiando as normas sexuais preestabelecidas. Ademais, a homocultura, enquanto instância de resistência, será correlacionada à escrita (auto)biográfica de Aguinaldo Silva.

A articulação entre os fatores (auto)biográficos de Aguinaldo Silva, com os aspectos homoeróticos em seu livro, possibilita uma abordagem engajada em viabilizar as nuances de uma personalidade andrógina em intenso processo de resistência. O caminho a ser percorrido na discussão se enviesa por etapas conceituais e norteadoras que discutem a respeito da obra e do



autor, contextualizada com os fatos históricos da ditadura militar no Brasil, nas décadas de 1960-80, além de uma breve discussão acerca da relação entre literatura e o homoerotismo. Nessa empreitada, pretende-se proporcionar outros olhares e notações, privilegiando a expressão dos sujeitos que foram suprimidos e tangenciados pelo cânone, protagonizando o discurso sobre a afetividade e subjetividade homoeróticas.

Ao comportar uma narrativa não-linear, *Primeira carta aos Andróginos* estrutura-se em discursos em que o narrador-personagem enuncia e problematiza sua condição homossexual, descrevendo cenas, pensamentos e inflexões que se relacionam com o homoerotismo, esta tida enquanto instância formadora de uma subjetividade conflituosa com um mundo excludente e violento. Ao tecer uma subjetividade que refuta a identidade masculina padrão e se aproxima de identificações convencionalmente femininas, o personagem-narrador enuncia sua condição andrógina e subverte os binarismos sexuais, rasurando o padrão de masculinidade. Nota-se, a princípio, que o personagem-narrador, ao contar sua história, não a conta somente a partir de uma perspectiva individual, mas também universal, pois não há apenas a problematização de uma subjetividade homoerótica pessoal, isso para que o sujeito narrador projeta ao outro, aos seus iguais, que sofrem com as circunstâncias cruéis de uma sociedade que reprime sexualidades desviantes.

Assim, por meio de elementos fantásticos e metafóricos, é posta em pauta a condição de um jovem que se descobre aos poucos homossexual; essa condição é notável nos trechos em que o homoerotismo assume características diversas, pois o sujeito-narrador, ao envolver-se com outros homens nos becos da cidade, nos prostíbulos e nos quartos de hotéis, põe sua homossexualidade frente aos dilemas que o açoitam tal qual um sujeito que se conflita consigo mesmo ao estabelecer um embate com o outro. Esse outro, para além das figuras monstruosas e desfiguradas que desafiam a identidade do narrador, coaduna-se com os discursos opressores, religiosos e preconceituosos acerca da homossexualidade. O narrador-personagem carrega em si, portanto, esse outro, que é um constructo/reflexo dos aparelhos de controle do Estado, que interdita e suprime qualquer expressão desviante da norma, imputando nesses sujeitos sanções cruéis.

Em Aguinaldo Silva vemos, portanto, uma narrativa que aborda a temática sobre homossexuais em intensa e conflituosa relação com o mundo, negando enquadramentos forçosos no padrão binário. Ao enunciar performances masculinas desviantes, o narrador-personagem, à medida que narra seu crescimento e sua evolução, expressa sua sexualidade em prazeres, gozos e



catarses sexuais que demonstram o auge de manifestação de sua sexualidade. Esse homoerotismo que tem, na imagem do corpo masculino, fonte de desejo, pode ser notado, por exemplo, no seguinte trecho:

Vazio de vida, habitado apenas por nós, o porão um dia encheu-se de homens. Todos nus, eles nos procuravam em geral alegria, e seus membros balançavam no ar como velhas espadas de aço semicerradas. E nós segurávamos nos membros apenas para vê-los crescer, colocávamos depois na boca, sugávamos o leite. [...] Descíamos as calcinhas e entregávamos o resto do corpo. Os homens nos penetravam – e não sem muita dor – e lá dentro gozavam. (SILVA, 1975, p. 68)

O homoerotismo efetiva-se no desejo e prazer no/pelo corpo masculino, pondo em xeque a construção da sexualidade do personagem. Outra abordagem se refere ao fato de que a trajetória do sujeito homossexual é narrada nesse livro de forma a parecer que o personagem está em uma grande viagem, cujo destino final é outro planeta, na qual encontraria possibilidades de ser ele mesmo, num mundo sem coação e preconceitos. Tais características, se remetidas ao escritor, permitem problematizações sobre possíveis influências (auto)biográficas na confecção do romance. Sendo assim, a vida de Aguinaldo Silva torna-se interessante no que diz respeito às relações que podem ser estabelecidas com *Primeira carta aos andróginos*.

Aguinaldo Ferreira da Silva nasceu em 7 de junho de 1943, em Pernambuco, mudando-se aos dez anos para o Recife, onde iniciaria sua carreira como escritor e jornalista. Muito antes de ser aclamado como um dos maiores escritores de telenovelas, ele exerceu a carreira de jornalista durante muitos anos, a partir dos quais adquiriu experiência em diversas instâncias da carreira jornalística e, de forma geral, da vida. Antes de sua ida ao Rio de Janeiro, o jornal *Última Hora Nordeste*, onde o autor trabalhava, fora fechado pela então ditadura militar que se instaurava em 1964, obrigando-o a seguir carreira no Rio.

A vida jornalística de Aguinaldo Silva sempre fora repleta de ocorrências em que a opressão militar ou o autoritarismo de oficiais da justiça se fazia presente em seu dia a dia, pois além de registrar abusos de poder nos casos noticiais em que trabalhava, em 1969, ele também “[...] foi preso e ficou detido por 70 dias devido a um prefácio ao livro *Diário de Che Guevara*, publicado pela Coordenada Editora”. (REIMÃO, 2009, p. 215) Em correlação ao seu romance, nota-se que há uma presença sempre vigilante e opressora que, quando não se manifesta por meio dos discursos discriminatórios, expressa-se no livro por meio da presença de autoridades



que reprimem dissidências sexuais, a exemplo de sujeitos cujas identidades relativizam o padrão de masculinidade padrão. Em destacado trecho, por exemplo, vemos a descrição de uma tortura:

O policial espera. As mãos de chumbo aumentam de tamanho, de repente parecem que vão cair dos braços. Preso a esta súbita sensação volto de repente a cabeça para o lado esquerdo e *plac*, o chicote cruza o ar com a voz do seu dono, o policial: filho-da-puta; fique quieto aí, seu. Imóvel. Cristo, que espera. Uma hora, os dedos inchados, os ombros como duas rochas. Duas horas, doze chicotadas. As costas ardem, a camisa eles retiraram para poder gozar melhor. [...] Estremeço, espirro, ganho outra chicotada. Lá fora, penso eu, há quem sintam-se protegido ao pensar na palavra polícia. (SILVA, 1975, p. 93)

A narração da tortura, que continua até o personagem-narrador alcançar o auge da dor e da humilhação, refere-se muito bem à ditadura e aos abusos de poder que Aguinaldo Silva presenciou em vida, permitindo abordagens (auto)biográficas de seus textos. Tais corpos não permitidos pela ditadura são submetidos a penalizações cruéis, oprimindo e silenciando sexualidades que enunciam masculinidades desviantes da norma. A tentativa de erradicar expressões e modos de ser dos homossexuais – que não se efetiva apenas por meio das práticas de tortura, mas também por intermédio de discursos centralizadores – constrói a personalidade do narrador, configurando um sujeito em intenso conflito consigo mesmo. Assim, retomando a opressão ditatorial pelos policiais pós-ditadura, o autor, em suas memórias, ao referir-se a um policial que fazia parte do Esquadrão da Morte – uma milícia de policiais justiceiros e corruptos surgida em 1960 – comenta:

É impossível não relacionar a ascensão daqueles policiais ditos de “elite” com os horrores da ditadura. Eles não teriam existido sem o verdadeiro criadouro de perversões que foi o regime. A ditadura caiu de podre, mas os costumes que ela implantou na polícia por meio daqueles homens, esses de um modo ou outro ficaram. [...] Sim, a ditadura se foi, mas boa parte da nossa polícia continua a adotar os métodos que prevaleceram naqueles anos de chumbo. (SILVA, 2016, p. 91-92)

O fator (auto)biográfico mencionado relaciona-se à cena supracitada, destacando a repressão violenta da polícia contra sujeitos marginalizados e, nesse caso, homossexuais. Nesse contexto, o romance pode ser concebido como instância na qual podem ser problematizados possíveis “contratos de veracidade”, enquanto na margem se estreita no espaço biográfico, entre o factual e ficcional [...]. (ARFUCH, 2010, p. 126-127) Além disso, no que diz respeito aos sentimentos do personagem, nota-se que há frequente tentativa de escape de uma sociedade opressora, que se revela no desejo do narrador em viver em outro planeta, nomeado *Faeton*. A



trajetória de prazeres, gozos, autoconhecimento e conflitos do personagem-narrador se configura no romance como uma longa e árdua viagem para esse mundo, no qual o sujeito veria realizados os sonhos de ser ele mesmo; essa trajetória pode ser vista de forma alusiva com os caminhos que o jovem percorre para assumir sua sexualidade perante o mundo. Dessa forma, temos um homoerotismo que se efetua tanto na formação subjetiva do sujeito homossexual quanto na enunciação de uma sexualidade que apesar das repressões físicas e simbólicas, pretende-se livre.

Apesar de não ser diretamente referenciado, o romance de Aguinaldo Silva evidencia situações em que os corpos homoeróticos são reprimidos por instâncias autoritárias e opressoras, que castigam, mutilam e segregam os sujeitos que se expressam com atitudes e modos que fogem às normas tradicionais. Esses sujeitos que desafiam as normas cristãs, patriarcais e heteronormativas são submetidos a uma série de ações que progressivamente intentam cessar ou reparar as suas condutas consideradas defeituosas e heréticas, sendo primeiramente segregadas pela comunidade que, ao notar as diferenças do personagem-narrador, começa por discriminá-lo em função de sua personalidade desviante:

Agora, meu nome era o motivo de conversas em todas as casas e esquinas. Por trás da janela, eu espreitava, tentava ler nos lábios de cada um aquela palavra negra e amaldiçoada, *condenado*. E quando ousava sair era resvalando pelos cantos das paredes, desaparecendo como um réptil nas esquinas (porque é tão difícil ter coragem quando se está sozinho!). (SILVA, 1975, p. 38)

Nota-se claramente que o personagem-narrador descreve a segregação que lhe foi imposta pela comunidade onde vivia, chamada no romance de *Rua do Cupim*. As conversas, os olhares e as palavras de reprovação se configuram como uma violência simbólica cruel, que influi no sujeito de forma negativa, isolando-o e obrigando-o a caminhar pelos cantos, escondido e reprimido por ser gay. Essa repressão, que se instaura pela comunidade, também é exercida por outra instância social, a família, que por ser mais próxima ao personagem, pune-o de maneira mais pungente:

E os meus pais, que desespero, um filho tão amado e nessa idade já perdido [...] e a chibata contra minhas costas estalava, era a primeira de todas as torturas que acabariam por tornar meu corpo uma couraça, e na esquina todos comentavam sorridentes, Antônio, o líder, mais uma vez formulava – eu sempre achei que ele era diferente da gente, sei lá, aquela maneira de não olhar, de evitar olhar a gente de frente, e aquelas mãos nos bolsos que ele apalpava [...]. (SILVA, 1975, p. 38)



A punição da família aos corpos desviantes se efetiva de forma mais direta e física, de modo que o personagem-narrador sofre sanções simbólicas pela comunidade e físicas pela família. A chibata, ferramenta de punição, efetiva-se como instrumento repressor da instituição familiar, que tenta enquadrar o sujeito desviante nas normas heteronormativas impostas pela ideologia patriarcal. Por outro lado, o instrumento repressor da comunidade é igualmente punitivo, pois se efetiva por meio da segregação e exclusão social, através das quais o personagem-narrador se verá isolado e sozinho. Essas duas instâncias de penalização, se somadas ao poder repressor do Estado – que age por meio da truculência policial no romance – configuram-se práticas repressoras aos corpos homoeróticos, notabilizando a forte crítica do autor ao preconceito veiculado por essas instâncias sociais.

A repressão da família, da comunidade e do Estado à subjetividade andrógina está inerentemente relacionada à condenação de teor religioso, que condena a homossexualidade e atribui a ela figuras demoníacas, catastróficas e corruptíveis. Notadamente, o título do romance de Aguinaldo Silva assemelha-se ao livro da Bíblia, denominado *Primeira Carta aos Coríntios*, texto epistolar em que o apóstolo Paulo estabelece uma série de recomendações, conselhos, consolações e críticas aos cristãos de Corinto, na Grécia.

Percebe-se que discursos de cunho religioso têm atacado e perseguido os grupos sexualmente dissidentes, com o objetivo de cessar as suas práticas consideradas heréticas e antinaturais, segregando e condenando as subjetividades homossexuais, reprimindo as suas expressões, seus modos de ser e vivenciar sua sexualidade. Na contramão dessas significativas perseguições, os sujeitos sexualmente dissidentes endossam as suas vivências, pondo em pauta masculinidades alternativas que subvertem o discurso opressor-cristão, defendendo a legitimidade e naturalidade das sexualidades que fogem do padrão heteronormativo.

Em Aguinaldo Silva, nota-se essa atitude rebelde que antagoniza a repressão religiosa e inverte o discurso da mesma. Isso fica evidente se for observada a relação do texto bíblico do apóstolo Paulo com o texto considerado profano de Aguinaldo Silva, pois da mesma forma que *Primeira Carta aos Coríntios* é um livro bíblico de caráter consolador e crítico, *Primeira carta aos Andróginos* também se configura enquanto um texto que estabelece consolações, vivências e conselhos aos andróginos, que são sujeitos que transitam as suas sexualidades entre o masculino e feminino, pulverizando masculinidades tradicionais.



Esse processo de subversão da repressão religiosa em expressão homoerótica se apossa primeiramente dos escritos condenatórios da bíblia, expropriando-os para efetuar processos de movências e ressignificações que intentam responder aos ataques à subjetividade gay, imputados pela família, pela comunidade, pelo Estado e pela repressão religiosa. Ao fazer referência ao livro *Primeira Carta aos Coríntios*, Aguinaldo Silva rasura o discurso religioso autoritário e contra-ataca as repressões impostas, efetuando notório processo de ressignificação de discursos sagrados aos profanos.

Estabelecer parâmetros conceituais, que objetivem definir a literatura homoerótica, foge aos propósitos do presente texto, haja vista a extensa problematização que permeia discussões teóricas sobre o homoerotismo em relação à literatura, aos autores e aos públicos. No entanto, faz-se necessário elaborar possíveis especificidades no que diz respeito à configuração de uma literatura homoerótica e, no caso do presente texto, sobre como essa literatura se efetiva em *Primeira carta aos Andróginos* enquanto aspecto que demonstra resistência aos discursos opressores.

Antes de discorrer sobre o homoerotismo, faz-se importante dissertar sobre a homocultura, aqui, considerada uma instância mais ampla, na qual a literatura homoerótica está inserida. Enquanto rede de significações, pensamentos, modos e sensibilidades reproduzidos por homossexuais e que os caracterizam enquanto sujeitos de sexualidades próprias, a homocultura é vista como fenômeno que já está inserido no imaginário social, possibilitando identificá-la e reconhecê-la como rede simbólica já histórica, como ressalta Foucault (2010, p. 122) ao comentar sobre uma possível cultura homossexual: “[...] que inventa modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais”.

Considerando, a partir dessa premissa do filósofo francês, que a homocultura se estabelece ao distinguir-se das demais formas culturais, pode-se tematizar o homoerotismo enquanto aspecto que está inserido no seio dessa cultura, adquirindo nuances próprias que, na medida em que o distingue, também o aproxima da homocultura, pois o desejo ao corpo masculino faz-se presente em ambas expressões. Nesse sentido, o homoerotismo efetua-se no romance em expressões simbólicas, nas quais o corpo masculino é alvo de admiração, desejos, prazeres e gozos, revelando uma estética erótica que põe o corpo do homem como instância contemplativa e sexual em relação a outros homens. A relativização de masculinidades



engessadas, nesse sentido, efetiva-se em *Primeira carta aos Andróginos*, quando o personagem-narrador descreve visões e atitudes homoeróticas. Uma das estéticas em que o homoerotismo se estabelece é a da literatura, enviesando abordagens diferenciadas, como bem ressalta José Luiz Foureaux (2007):

A interlocução entre Literatura e Homoerotismo é, no fundo, um lugar de reflexão que, na sua materialidade discursiva acaba por privilegiar olhares diferenciados e diferenciadores como é o caso do olhar homoerótico. Sendo assim, não cabe estabelecer campos estanques de abrangência deste mesmo discurso. (FOUREAUX, 2007, p. 139)

A narrativa de Aguinaldo Silva oferece essas possibilidades diferenciadas e diferenciadoras ao proporcionar uma análise que além de tematizar a sexualidade homoerótica enquanto assunto suprimido e tangenciado pelo cânone literário brasileiro, viabiliza propostas de entendimento que não se limitam às estruturas formais e ideológicas de uma tradição patriarcal, androcêntrica e religiosa. Assim, nesse sentido:

[...] a inflexão de um olhar como o homoerótico faz diluir fronteiras, agregando perspectivas, integrando abordagens, articulando discursividades que, antes, eram sempre mais departamentalizadas, fazendo pensar na hegemonia de um campo sobre o outro. Fica demonstrada, então, a peculiaridade do ‘entre’ que coloca o olhar homoerótico, quando da articulação dialética, discursiva, plurivocal e interdisciplinar dos Estudos Literários ‘e’ dos Estudos Culturais. (SOUZA JÚNIOR, 2007, p. 141-142)

O estudo do homoerotismo na literatura, portanto, ao expandir os horizontes na problematização de subjetividades humanas que foram suprimidas, abrange outros discursos, correlacionando-os com diversos olhares que se enunciam enquanto subjetividades singulares e, portanto, subversivas. É nesse aspecto que elementos de resistência e emancipação expressiva de sexualidades dissidentes podem ser analisados com vias a elaborar posições, pensamentos e reflexões que protagonizem a homocultura.

Em Aguinaldo Silva, vê-se a problematização de personagens que estão à margem da sociedade, que são oprimidos por autoridades, regimes e discursos repressores, efetuando um processo emancipador que protagoniza a voz das minorias e, nesse caso, dos dissidentes sexuais. Assim, ao tentar propor breves definições acerca da homocultura e de sua relação com a literatura homoerótica, pode-se, enfim, conhecer uma definição mais segura a respeito do homoerotismo, dissertado por Barcellos (2006) como:



[...] um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. (BARCELLOS, 2006, p. 20)

Percebe-se, no romance aqui estudado, portanto, um homoerotismo masculino que rasura premissas cristalizadas, de modo que a presença de relacionamento erótico entre homens evidencia performances masculinas alternativas. Além disso, essas relações são sempre oprimidas por discursos e práticas repressoras, colocando o personagem-narrador em conflito consigo mesmo e em embate com a construção de sua sexualidade homoerótica.

Nesse aspecto, o narrador traça sua trajetória, denunciando e resistindo às formas de coação social, expressando seus desejos e prazeres com o/pelo corpo masculino, pondo em xeque o homoerotismo como fator desencadeador de sua sexualidade. Nessa perspectiva, é necessário destacar, conforme defende Butler (2003, p. 60), expressões que apontam “a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao poder heterossexista [...]”. O trecho a seguir, nesse aspecto, exemplifica relações entre homens que se furtam das prescrições sociais:

Ele tinha quatorze anos, eu tinha treze. Éramos dois homens. Conversávamos até altas horas, mesmo depois que a turma se desfazia. Eu lhe dizia como estava nos livros todos que já lera, e nos outros que ainda pretendia ler. [...] Falávamos do Sol, da Lua, do terrível mistério que era o fato de cada um deles se mover numa direção certa, e juntos, ávidos, os segredos maiores consumíamos. [...] Agora, sempre juntos, jogávamos botão, trancávamos a porta e nos beijávamos prolongadamente (era esta a palavra que usávamos para classificar nossos beijos) e nos apalpávamos, e avançávamos cada vez mais em direção ao outro e descobríamos: nossas pernas magras, nossos quadris angulosos, nossos pélvis e suas penugens escurecidas, nossos ventres batidos, nossos peitos inchados [...]. (SILVA, 1975, p. 35-36)

Esses aspectos que mostram nuances singulares oriundas da formação de um sujeito homossexual efetuam-se por meio de descrições homoeróticas, de posições críticas e de denúncias ao preconceito, à ditadura, aos abusos policiais e à repressão familiar, resultando discursos em que o personagem-narrador vê-se em constante viagem – tentativa de escape – para um lugar em que ele seria aceito e respeitado. Tais aspectos do romance, quando concatenados aos fatos biográficos e (auto)biográficos do escritor, permitem efetuar uma abordagem dos



processos de resistência em duas perspectivas analíticas: a do romance e a do autor; âmbitos que, nessa abordagem, confluem-se e caminham na mesma direção.

Primeira carta aos Andróginos, nesse dizer, estabelece-se como produção literária que aborda os conflitos e descobertas de subjetividades homossexuais que se expressam por meio de situações nas quais o personagem-narrador enuncia seus sentimentos e as suas percepções a respeito de seu interior, do seu desejo pungente e da autorrepressão desse desejo, que se emancipa em passagens de subjetivação homoerótica. Para além da autorrepressão que se observa na descoberta homossexual do personagem, há também a condenação que se efetiva por meio das instituições sociais, que punem, segregam e flagelam o sujeito homossexual.

Tais instituições repressoras, como a comunidade, a família, o Estado e a Igreja, figuram ao narrador obstáculos que constroem sua identidade, fazendo-o inclinar-se para pensamentos e devaneios como tentativas de fuga e escape, a exemplo da migração/fuga para *Faeton*, planeta andrógino. Dentre as repressões que flagelam o personagem-narrador, a força policial-ditatorial se configura como a mais violenta, evidenciando ocorrências oriundas da biografia de Aguinaldo Silva, que foi vítima da ditadura. Dessa forma, nota-se que *Primeira carta aos Andróginos* se estabelece enquanto construção textual engajada em subverter as repressões sociais que perseguem as sexualidades que fogem do padrão heteronormativo, de forma que a transfiguração de discursos sagrados para figurações profanas se constitui como fator de resistência e de subversão, diluindo noções cristalizadas acerca dos binarismos.

Referências

ARFUCH, L. O espaço biográfico contemporâneo: a vida como narração. In: ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas de subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 58-120.

BARCELLOS, J. Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. O triunfo social do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran e Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 119-125.

REIMÃO, S. Aguinaldo Silva, um escritor censurado. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 209-222, 2009. Disponível em:



<http://censuraalivroseditadura.org/papers/aguinaldo-silva-um-escritor-censurado.pdf>.
Acesso em: 8 jun. 2020.

SILVA, A. *Primeira carta aos andróginos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

SILVA, A. *Turno da noite: memórias de um ex-repórter de polícia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

SOUZA JÚNIOR, J. L. F. *Herdeiros de Sísifo: teoria da literatura e homoerotismo*. Mariana-MG: Aldrava Letras e Artes, 2007.

